



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10600 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

**A DOCÊNCIA EM ESCRILEITURAS: CARTOGRAFIA DE UM ESTILO ANIMAL**

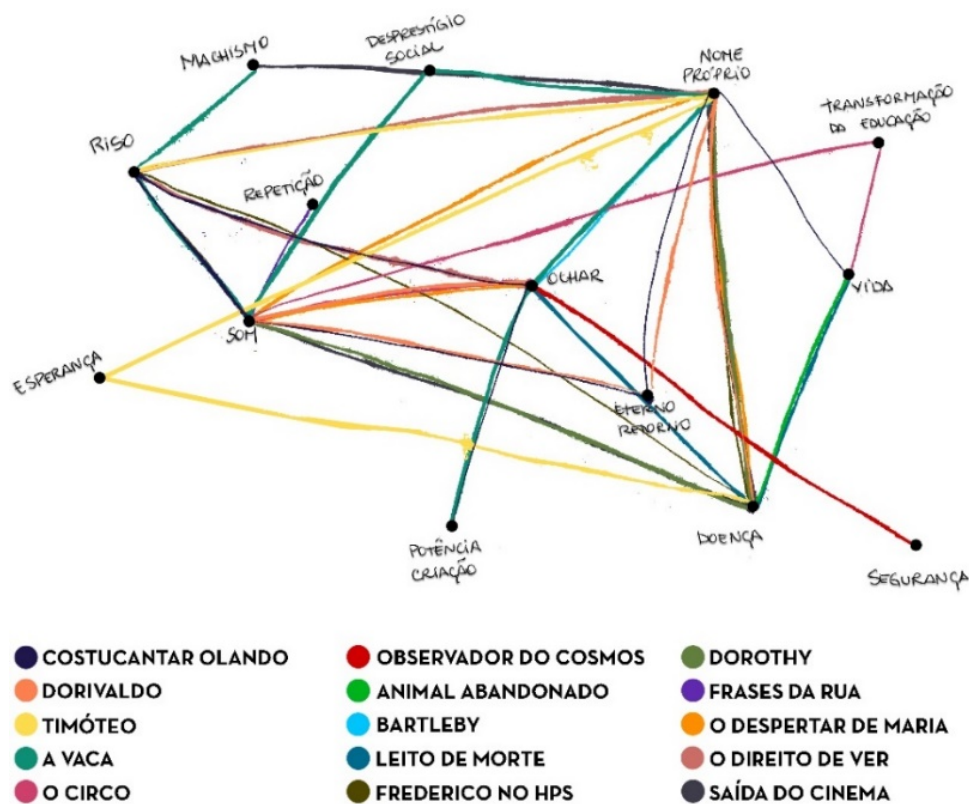
Josimara Wikboldt Schwantz - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

### **A DOCÊNCIA EM ESCRILEITURAS: CARTOGRAFIA DE UM ESTILO ANIMAL**

Neste trabalho, apresenta-se uma pesquisa de doutorado que percorreu caminhos da docência enquanto temática de pesquisa. Para tal, compôs um atlas ao inventariá-la, a partir do exercício de transcrição em esrileituras (CORAZZA, 2011; 2013; 2015), desde as possibilidades existenciais e pedagógicas do fazer docente colocado em análise. Utilizou-se o referencial teórico de Deleuze e Guattari e outros intercessores artísticos e científicos. Esta proposição justifica-se pela inquietação denotada na produção radiofônica realizada por professores em formação inicial e continuada, participantes de uma oficina denominada Conatus, em que disparam zonas de indeterminação ao dizerem de acontecimentos do cotidiano escolar.

Percorreu-se o conceito de estilo para Deleuze, ao acompanhar o movimento, a composição, a variação e a fuga de uma prática educacional. A pesquisa moveu-se na circunstância de um problema a pensar: Como a constituição de um estilo afeta os modos de ser professor? Pautada no método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995), como forma de acompanhar os processos de invenção e produção de subjetividades docentes, a pesquisadora realizou um mapeamento em planos extensivos (por meio de matérias e rastros deixados por uma oficina realizada com professores) e intensivos (captura das forças e signos emanados da experiência vivida em meio às oficinas, aos professores em formação, e à circunstância analítica, resultando na escrita de um bestiário). Considera-se que a ação de escrever-ler, tanto dos docentes participantes, quanto da pesquisadora envolvida no processo de investigação, favoreceu o aparecimento de um estilo animal na docência, evidenciando a necessidade de brechas de respiro de um fazer que diminui a força de agir. Para tal, a animalidade, enquanto estado de sensação, não se produz pela perda das formas humanas e subjetivas, mas ensina a viver numa multiplicidade.

Por se tratar de uma pesquisa cartográfica, pautada na linha teórica das filosofias da diferença e educação, apostou-se na construção de mapas (na sequência as imagens dos mapas 1 e 2 como exemplo do que foi produzido durante a pesquisa), ao acionar um campo intensivo de forças, através de suas linhas, pontos e sobreposições. Durante a investigação foi proporcionado um deslocamento de pensamento da pesquisadora no instante em que a pesquisa se desenvolvia, buscando transformar percepções sobre determinados discursos em torno da docência (como se tornar um bom ou uma boa professora?, por exemplo), bem como da sua condição subjetiva e profissional implicada no processo investigativo, colocada como uma condição de transformação.



Mapa 1 – Sobreposição de mapas extensivos dos rastros extraídos da escuta das escrituras radiofônicas.

Fonte: Elaborado pela autora.



pensamento: matérias literárias, filosóficas, científicas, musicais que impulsionam a leitura e a escritura dos professores e da pesquisadora durante a oficina e a pesquisa (Matérias utilizadas na Oficina: A metamorfose de Kafka em quadrinhos [Peter Kuper]; Estudos dos conceitos de corpo, alma, conatus e potência de vida em Nietzsche e Spinoza; Fragmentos do programa Café filosófico – A existência como doença e Alegria e o trágico em Nietzsche; trilha sonora do filme O fabuloso destino de Amélie Poulain [Pas si simple, Yann Tiersen]; Música Paciência [Lenine]; Livros da literatura infantil – Mania de explicação [Adriana Falcão] e Discurso do urso [Júlio Cortázar]; Fragmento do filme Quando Nietzsche chorou.

Em relação ao procedimento de trabalho na oficina Conatus, tinha, inicialmente, o objetivo de problematizar o adoecimento docente. O grupo de trabalho pensou e articulou matérias que pudessem movimentar um pensamento e elevar a potência do ato de ler-escrever nos professores. Também buscou direcionar percursos, reinventar trajetórias, aumentar as velocidades na repetição de oficinas. Elas aconteceram em diferentes espaços nas suas edições: Escolas, Universidade, na sede do sindicato dos professores, enfim, foi uma maneira de encontrar esses docentes e presenciar seu cotidiano, conhecendo suas atividades, inquietações para, assim, arquitetar juntos, uma saída de minimizar o sofrimento da categoria, ao menos em termos de espaço de experimentação para pensar-se, criar, lendo-escrevendo.

Após a realização das oficinas, o grupo criou um arquivo composto pelas matérias oferecidas, bem como as escreleituras radiofônicas (produto de trabalho produzido pelos professores participantes das edições). Ao acompanhar o processo de criação desses arquivos, a pesquisadora rastreou uma docência que escreve e lê em meio à vida. Adotando como procedimento a ação de movimentar um pensamento (a partir da filosofia), compor com matérias de campos de saberes diversos (arte, filosofia e ciência), variar um dizer sobre a existência e prática docente, subtraindo o uno como elemento que mantém uma estrutura em sua originalidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995). E foi neste exercício que se percebeu a animalidade como ponto de contato nas escreleituras radiofônicas, conforme percebido em uma das novelas transcrita abaixo:

Na Índia a vaca é um animal sagrado, não pode ser morta ou molestada. No Brasil não poderia ser diferente, claro que de um modo bem Tupiniquim:

- Aquela vaca me rodou (muuuuu).
- A vaca me botou na rua (muuuuu).
- A vaca de física me deixou em exame (muuuuu).
- Pô! A vaca de História não me deu dois décimos (muuuuu).
- Porcaria da vaca não me deixou entrar (muuuuu).

Adolfo, advogado especialista em libertar traficantes e pai do menino atropelado pelos dois décimos da vaca, teve uma ideia vingativa:

- Primeiro dia de praia da sôra, vou arremessar um sinalizador. Foi como chegar a um orgasmo: - Aquela vaca me paga! (muuuuu).
- Não entreguei o trabalho da vaca.

- A vaca da diretora me suspendeu (muuuuu).

Todavia, Zequinha, um bom aluno, quando estava presente e costumava contagiar os mestres com sorrisos, palavras de entusiasmo, pensou em aconselhar o colega delinquente:

- Não faça isso, você pode se complicar.

Ao ouvir os sábios conselhos, o inimigo das vacas, esbaforido com os próprios pensamentos que se transformavam em outros pensamentos, pesado e cheio de teias concluiu:

- Eu vou arremessar o sinalizador naquela vaca (muuuuu).

E como estamos em um mundo machista, quem não é vaca é veado. Não, você está enganado, não estamos no campo, bem-vindo às escolas brasileiras (muuuuu).

(Novela criada na 3ª edição da oficina, por professores de uma escola estadual de ensino médio)

Mais do que buscar interpretar sobre o que os professores quiseram dizer com a produção, a pesquisadora se permitiu pensar junto, acompanhando os movimentos de transformação subjetiva envolvidos no momento da experiência. Foi na experiência de escrever que os docentes se dispuseram a inventar outras maneiras de dizer sobre sua profissão, os atravessamentos de um cotidiano que, por vezes, o adocece, mas que também amplia a possibilidade de inventar e pensar outras formas de ser/existir e fazer/atuar na sua prática pedagógica.

Diante do exposto, a pesquisadora se propôs a realizar uma cartografia do arquivo escrituras, mais especificamente, aqueles gerados em torno da produção da oficina conatus. Aí viu possibilidade de habitar um território existencial (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012) na docência, lidando com mapas que se desvendavam. Para tal, buscou despir-se de maneiras formais ao tratar de um arquivo, considerados dados não formalizados e, sim, amorfos, dispostos em um suporte que gerou outro com procedência na invenção, pois “toda a invenção depende de um arquivo” (ADÓ, 2013, p. 102 *apud* CORAZZA, 2018).

Dessa maneira, o problema posto em questão na pesquisa esteve atrelado aos rastros deixados pelo arquivo escrituras, como uma força mobilizadora para pensar, escrever e ler: Como a constituição de estilo, por meio do exercício de escrituras, afeta os modos de ser professor? Juntamente a isso, pensou a docência em relação a um estilo, não somente literário (daquilo que escreve um docente), mas em termos existenciais e pedagógicos – o que é posto em movimento, composição, variação e fuga na sua prática –, nas microrrelações de um cotidiano escolar.

O método não tratou apenas de descrever etapas de um desenvolvimento, mas tecer os caminhos do cultivo e refinamento necessários para o crescimento do estudo (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012). Os mapas serviram como expressão do procedimento investigativo, uma forma de linguagem utilizada para expor um acontecimento vivido. Incentivaram seguir o curso das coisas, evitando a fixação em pressuposições de discursos introjados na profissão docente e na própria pesquisa. Como diz Deligny (2015): não interpretar, mas permitir.

Tratando-se de uma questão cartográfica, permitiu-se, num plano extensivo, seguir os deslocamentos pedagógicos realizados em cada uma das cinco edições da oficina Conatus, relacionando e analisando as matérias propositoras de tal ação. Também se percorreu os rastros deixados pelas escrituras radiofônicas criadas em tal circunstância (mapa 1), analisando as paradas mais recorrentes do mapa, consideradas categorias de análise [nome próprio, olhar, som e doença]. Em um plano intensivo, foi possível registrar o desenho das linhas de forças e dos devires cometidas pela experiência, criando o bestiário, como forma de expressão às transformações subjetivas docentes.

Afirma-se, com a pesquisa, a existência de um estilo animal na docência. As matérias, conectadas ao pensamento, também produziram uma ação em escrituras, a partir da criação da personagem que constituiu um nome próprio, a rata Josefina (mapa 2). Esta figura promoveu um funcionamento do pensar sobre a existência e o fazer docente, despersonalizando, desinstalando-se de uma identidade professoral. A animalidade aparece como borda desta humanidade, apontando um viver desprovido de um nomear-se (a fim de determinar pertencimentos), mas na contingência da vida em bando, como uma matilha, uma manada ou uma alcateia, adquirindo a força que o estar junto pode oferecer.

[...]. Foi num momento de criação que me mostrei má, rejeitando a possibilidade de qualquer aula ser uma aula; de que qualquer aula pudesse ser considerada como arte. Nada havia a temer, era somente fazer como no ensaio e tudo sairia conforme os palcos da vida, onde manipulava personagens e ações teatralizadas. Aprendi isso com professores. Mas agora a representação fugia de cena no instante em que a cortina carmesim subia. Esqueci o roteiro, improvisei de imediato para não me sentir uma rata tola. Cantei um pio fino em dó menor e tudo saiu, não como o esperado, mas como uma forma de saída daquela situação de improviso. A experiência foi, cada vez mais, permitindo esta astúcia. Ninguém sozinho é capaz de fazer algo grandioso, do que numa coletividade. E, junto ao meu povo, pude perceber isso [...]. Talvez, por isso, não venham a sentir tanta falta. Estarei livre dos temores demasiadamente humanos para uma vida de rata? No geral, aí se tem uma espécie que se empenha em transformar a profissão em algo digno de se manter num palco. Por isso, as dificuldades em preservar as coisas simples da vida normal, como o poder de um assobio [...]. Todo o esforço lançado em prol de uma variação advém de qualquer coisa que ainda subsiste em nós, povo de camundongos, uma força que vibra na arte de assobiar (Fragmento do bestiário – Rata)

Josefina, uma rata-personagem que salta na criação do bestiário, buscou da intercessão com personagens kafkianos, obter entendimento de si e persistir em sua função, que é a potencialização do um existir e de um fazer na docência. Como nome próprio, remete ao incomparável. Não há outra a se tirar de exemplo. Ela surgiu no curso da pesquisa e seus encontros, deformando-se a cada um deles. De Josefina antenada, à urso, amazona, rata (as personagens que surgem no bestiário a partir do esforço em dar forma de expressão, pela criação literária, das forças envolvidas no processo da pesquisa, no resultado da sobreposição dos mapas extensivos). Desloca-se de um território, por ora consagrado, para a transfiguração de habilidades como nomear, olhar, escutar e resistir à doença que paralisa um processo. Em escrituras, Josefina põe-se a escrever, de modo que sua relação com matérias a coloca a experimentar um estilo em sua docência. E este permite assistir a suas potências e aquilo que a despotencializa.

As coisas são partidas para capturar os signos emitidos (DELEUZE, 2003) e, assim, o exercício de escrever que tomou forma de um bestiário, possibilitou estabelecer relações desde uma atenção: num estar à espreita, na condição corporal animal; numa docência capturada

pelo desejo de ir além do que está posto como verdade, cede espaços de abertura ao outro, rompendo, gradativamente, com a frequência de passividade, egoísmo e alienação. Mas isso requer um lento processo de transformação.

Num devir-rata, aprende-se a manter singularidades, mesmo sendo limitadas pela suportabilidade de um corpo. Poupa-se para não adoecer. Um tempo de resguardo para a luta de todo o dia. E, por um modo animal de ser e estar, alcança-se zonas de indiscernibilidade. Busca-se superar os impasses imobilizadores de ações e abandona-se algumas compreensões, como das moralidades que insistem em dividir o mundo entre bem e mal. O corpo docente acaba sofrendo ao adequar-se a ações éticas pautadas nesta dualidade.

Uma animalidade habita a docência enquanto estilo, em meio às matérias e aos rastros, produzindo escrituras. O animal, enquanto devir, não se produz pela perda das formas humanas e subjetivas e de relações sociais mas, nesta aproximação, ensina em meio às multiplicidades, a: falar e agir em nome próprio; ter capacidade para escutar e olhar como uma urso (nossas atividades, alunos, alegrias, dores, aprenderes); se manter em alerta (atenada) como um inseto; encontrar a matilha que potencialize a vida; constituir novos territórios para não adoecer; persistir ao modo de uma rata; adequar-se aos próprios limites, para poder rompê-los e criar novas possibilidades.

O que teria esta docência a aprender com o animal? Aprende-se, juntamente com Deleuze e Guattari (2014), de que é pela voz, pelo som, é por um estilo que um escritor se torna animal. Entramos num estado de sensação, um devir, libertando-nos das identificações de ser Homem, ou professor ou escritor, político, máquina para constituir aí, nesta intersecção, um estilo. Não somente pelo som, aquele que ensina se torna animal mas, também, por um nome próprio adquirido na despersonalização de um indivíduo em detrimento de uma coletividade; por um olhar à espreita; e pelo ato de resistência a um regime doentio que põe fim ao próprio devir.

Uma docência se constitui em meio à pluralidade de efeitos, pela transgressão de imagens e pela mutação de ideias sobre uma existência, a partir da relação com escrituras. Esta ação de escrever-ler favoreceu o aparecimento de um estilo na docência (atenada, urso, amazona e rata), mas não se esgota como única alternativa, nem modelo. O estilo animal, apresentado na investigação, surge por meio de seus componentes, evidenciando a necessidade de fuga ou brechas de respiro de um fazer que diminui a potência de agir, colocando em movimento um pensamento em composição com matérias heterogêneas, na variação de determinado funcionamento pedagógico.

No entanto, pode-se concluir que a condição de existência de um estilo docente em variação se determina a partir das formas e das forças com que se exercem a profissão. Quanto mais relações estabelecidas por um professor (entre seres, matérias, objetos, campos de conhecimentos) para ensinar, mais aumentará a capacidade de afeto e potência desta docência. As escrituras apareceram como um empreendimento possível para afetar a circunstância criadora, tanto existencial quanto pedagógica, ao possibilitar inventar outras

formas de exercer as atividades docentes, compor com outro(s) estilo(s) que favoreça o aumento da potência na vida profissional. Não se trata de uma solução que conseguirá sanar todos os problemas da formação e da prática docente, mas aposta numa ação mais micro, desde as experimentações realizadas em pesquisa, ensino, extensão e inovação.

E, juntamente a elas, percebe-se, ainda, a necessidade de manter a qualidade da educação e a valorização do profissional para que possa reinventar novos estilos, a partir das oportunidades de estudo, formação, experimentação, escrever-ler, pensar, ensinar e aprender em meio à vida. Com a atenção de um inseto, a coragem de uma amazona, o coração de uma urso e a ambição de uma rata, segue-se buscando novas perspectivas para a profissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartografia. Docência. Escrileituras. Estilo.

#### **REFERÊNCIAS:**

CORAZZA, Sandra Mara. **Projeto de pesquisa:** Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

\_\_\_\_\_. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrileitura da diferença). **Proposições**, Porto Alegre, v. 26, n. 1 (76), p. 105-122, jan./abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, jun. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.